

Fatores Socioculturais em *Orange Is The New Black*¹

Ana Julia Della Mea LOTUFO²

Caroline De Franceschi BRUM³

Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS.

RESUMO

Orange is the New Black é um seriado estadunidense que se caracteriza pelo gênero cômico-dramático, com temáticas contemporâneas e personagens marcantes. O seriado, que estreou em julho de 2013, foi considerado pela Satellite Award a melhor série de 2013, sendo um dos mais assistidos da Netflix. Diante desse cenário, objetiva-se analisar fatores socioculturais presentes no primeiro capítulo da primeira temporada, que colaboram para a aceitação do público. Como resultados, têm-se os grupos socialmente organizados com suas regras, as hierarquias veladas, elementos que definem a imagem de uma prisioneira e a cultura da religiosidade como elementos que definem a cultura individual e globalizante dessa sociedade carcerária.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; comunicação; globalização; seriado web; sociedade.

Introdução

Vive-se, atualmente, numa sociedade cada vez mais globalizada e constituída por aspectos multiculturais, pois, o global é constituído pela categorização de elementos locais que, com suas particularidades, compõem o global (Hall 1997). Diante desta concepção, propõe-se analisar os elementos socioculturais que compõem o primeiro episódio da primeira temporada do seriado *Orange is the New Black*. Cabe entender que a constituição do global passa por elementos socioculturais que constituem a sociedade, no caso do seriado *Orange is the New Black*, é necessário identificar os fatores socioculturais que o constituíram e fizeram dele um seriado de sucesso global.

Orange is the New Black é baseado no livro *Orange is the New Black: My year in a Women's Prison*, de Piper Kerman, publicado em 2010. A série trata de experiência vivida da personagem Piper Chapman, uma mulher nova-iorquina que foi condenada a cumprir

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Franciscano-SM, email: anajdml@gmail.com

³ Professora Mestre Orientadora, do Centro Universitário Franciscano, email: carolinecultura-brasil@gmail.com

quinze meses de prisão por ter participação no transporte de uma mala de dinheiro, proveniente de drogas, a retratar, então, a vida de presidiárias norte-americanas. A série apresenta histórias sobre o sistema penitenciário norte-americano, com um tom humorístico, beirando a sátira, apresentando o dia a dia dentro do sistema carcerário, observando as falhas e os vícios internos do sistema.

Para viabilizar a análise foi selecionado o método de análise de conteúdo, pois as construções sociais dos indivíduos podem ter origem nas representações midiáticas, ao mesmo tempo que, podem ter origem delas. A partir da construção metodológica de Bardin (1979) tem-se que a análise de conteúdo

“é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores, quantitativos ou não, que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens” (BARDIN, 1979, p.42)

Ainda, Bardin (1979, p.37) orienta para uma análise de conteúdo baseada em categorização, que, segundo ela, é a “operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero”. Assim, explorar essas questões trará a discussão sobre as mudanças sociais que compreendem o conceito de globalização que afeta diretamente a compreensão do que é individual/global. Torna-se, então, esse estudo uma temática relevante por tratar do individual no social/global e vice-versa numa situação de confinamento.

Termo Cultura: breve história e concepções

Conforme Cabello (2011) a origem epistemológica do termo cultura remete ao termo *cultivo*, que se origina do verbo cultivar (*colere*) e está ligado à transmissão das tarefas agrícolas às qualidades humanas. Com o passar do tempo, o termo assumiu significados diversos, de forma que se pode elencar possíveis significações, a partir de usos do termo.

O autor afirma que durante a Idade Média ocorreram alterações no uso do termo cultura, passou a ser vista como uma característica de sabedoria – pessoa culta. Havia relação com o mundo das letras e a cultura escrita. No século XVII, segundo Cabello (2011) o rebuscamento na fala e na escrita levava à denominação de pessoas cultas. Esse entendimento sobre o termo permaneceu até o século XVIII, quando passa a ser institucionalizado como “un concepto central del discurso científico, político y popular en

Francia, Inglaterra y Alemania” (Cabello 2011, p. 31), quando o conceito assumiu significados diferentes em cada uma dessas nações.

Cuche (1999) salienta a importância de analisar a evolução da conceituação da palavra cultura, seguindo a trajetória conceitual do termo na língua francesa. Até o início do século XVI, cultura significava apenas o fato de cultivar a terra, nada mais que isto; após esta data começa-se a pensar cultura como mais do que apenas uma ação. Ainda, segundo o autor, pode-se definir que o sentido figurado de cultura só passa a se tornar popular após o século XVIII, quando se começa a utilizar esse novo sentido atribuído a palavra em discussões acadêmicas e significado da palavra cultura torna-se mais parecido com o que se concebe hoje. No século XIX, Cabello (2011) salienta que o termo se associa às atividades recreativas das pessoas educadas (teatro, novela, música etc).

Na Inglaterra, o termo cultura recebeu o complemento como cultura de massa, o que foi criticado pela corte, pois essa considerava que a cultura industrial de massa era uma degradação que atacava a verdadeira cultura. Cabello (2011) ainda afirma que, na Alemanha, os intelectuais do começo do século XVIII adotaram o termo cultura da língua francesa, sendo que, no final do século XIX, o termo assumiu o sentido de processo intelectual do ser humano em geral.

Nessa linha de pensamento, Hall (1997) apresenta a cultura como um centro convergente de práticas sociais na vida contemporânea. Como a cultura sempre teve seu valor e importância no meio social, o autor observa que a cultura está no centro das discussões e debates na atualidade e questiona tal fato.

Ainda, a partir de Hall (1997), para as humanidades, a cultura estaria na constituição de um conteúdo fundamental, a partir de significados diferenciados (literatura, linguagens, artes, filosofia, crenças, etc). Para as ciências sociais, o conjunto de práticas sociais que formam significados e que diferem da programação biológica é o que interessa em termos de constituição de uma cultura. Assim, toda a ação social passa a ser cultural e revelam significação, toda a ação social é significativa, pela perspectiva do autor.

Hall (1997, p. 1), ainda, salienta que as ciências humanas e sociais não dera à cultura “uma centralidade substantiva ou o peso epistemológico”. Por substantivo, é entendido o lugar da cultura na estrutura social; por epistemológico, é concebida a posição da cultura em relação ao conhecimento e a conceituação.

No século XX, a cultura adquire relevância em relação à estrutura e a organização da sociedade moderna. Isso aconteceu através da expansão dos meios de produção,

circulação e troca cultural, devido à difusão tecnológica (representada pela internet) e da revolução da informação. Nas palavras de Hall (1997, p. 2), “a mídia encurta a velocidade com que as imagens viajam, as distâncias para reunir bens, a taxa de realização de lucros (reduzindo o “tempo de *turn-over*” do capital) etc”. A mídia adquire o papel de um dos principais meios de circulação de ideias e imagens, se constituindo num relevante meio de sustentação das trocas econômicas e os consequentes conhecimentos a elas ligados, como, por exemplo, as bolsas de valores, com espaços de minutos em que um capital pode ser ganhado ou perdido.

Em meio a essa revolução, os produtos culturais são diferentes dos que se tinham anteriormente. A mídia possibilita o encurtar dos espaços e tempos e permite a democratização e popularização das conquistas sociais. Isso provoca mudança na consciência popular e cria uma rápida mudança social, que comporta também deslocamentos culturais. A homogeneização da cultura é um dos efeitos dessa rápida transformação que foi denominada por Hall (1997) como McDonaldização do globo. Mas a própria homogeneização acaba por necessitar de novas identificações “globais” ou locais, pois não há como se manter uma cultura global uniforme e homogênea, pois as mudanças culturais globais também passam pelas particularidades de cada meio social.

Sociedade e Cultura

Hall (1997) entende que as sociedades são multiculturais, de forma que não há uma substituição de culturas, e sim, ocorre uma mescla de elementos culturais que criam alternativas positivas e/ou negativas ligadas à globalização, que é considerada como a forma dominante das mudanças culturais. É fato que as transformações culturais estão inter-relacionadas com as mudanças nas relações globais. As mudanças mais dinâmicas e visíveis na atualidade são as que acontecem no campo da cultura e, ligada ao poder, faz com que as conquistas sejam mais discursivas e simbólicas, não mais materializadas como até então.

Segundo Cucho (1999, p.10) “a cultura permite ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem”, então, pode se entender que a cultura é uma ferramenta de integração social dos indivíduos. Todo grupo humanizado tem sua própria cultura, as culturas similares tendem a se agruparem, formando o que se chama de sociedade. A cultura tem como principal função satisfazer as necessidades humanas de se sentir pertencente a um grupo, uma sociedade. As sociedades têm como função principal limitar, normatizar, estimular e inibir as necessidades humanas. Todo grupo de pessoas

chamado sociedade tem suas próprias regras de convivência, comportamentos que são ou não aceitos, etc. Esses padrões estão ancorados e ligados intimamente com a cultura dessa sociedade, são interpretações que estão no interior da mente de cada indivíduo, fazendo ele relacionar determinado comportamento como adequado ou não.

Já que é a cultura que marca as diferenças de todas as sociedades, pode-se considerar que é e será difícil existir uma cultura global, pois cada sociedade faz adaptações para sua realidade desses elementos que tangenciam o que se chamaria de cultura global. Conforme Hall (1997, p.3), “a cultura global necessita da ‘diferença’ para prosperar – mesmo que apenas para convertê-la em outro produto cultural para o mercado mundial”. Por isso que a globalização existe, mas em cada lugar, sociedade, cultura ela se manifesta de maneira diferente. Essa é a justificativa para que, mesmo existindo produções massivas de dimensões globais, não há uma cultura só e híbrida, e sim tem-se diversas culturas, com regionalizações acentuadas/definidas/identificáveis as quais, muitas vezes, se sobressaem ao que está sendo tendência de âmbito global.

Ainda, Hall (1997) apresenta a revolução cultural na vida cotidiana das pessoas, ao que o autor chama de microcosmo. As transformações não são homogêneas e passam pela família, trabalho, lazer, motivações, ritmos, recompensas, crenças, conflitos de gerações etc. Aqui vê-se que a expressão *centralidade da cultura*, discutida por Hall, penetra cada momento da vida cotidiana e faz a mediação de todos os acontecimentos. Desse modo, a cultura não é uma variável de fácil apreensão, ou sem importância, justamente por compor cada ambiente específico em todas as suas manifestações.

Cultura e Mídia

No que tange à mídia, sabe-se que é impossível escapar desta presença no cotidiano, pois tanto a impressa quanto a eletrônica apresentam nossas formas de diversão e informação diária. Assim, tanto quantitativa, quanto qualitativamente é preciso entender a mídia e seu papel na dimensão social e cultural na contemporaneidade.

Segundo Silverstone (2007), a mídia é parte da “textura geral da experiência” expressão de Isaiah Berlin, que se refere aos aspectos experienciais que se trata como corriqueiros e que permitem a comunicação entre os seres. Mas qual é o papel da mídia na cultura contemporânea? É ser uma rota da mensagem até a mente humana; é uma linguagem com textos e formas de interpretação, ou pode ser um ambiente ou ambientar, que contém desafios sucessivos. Silverstone (2007) entende que as metáforas sobre a mídia

são úteis, mas ao mesmo tempo lançam uma visão parcial e efêmera sobre a mídia. Para o autor, é preciso examiná-la como um processo (coisa em curso) em todos os níveis onde as pessoas se congregam e se comunicam.

A mídia como um processo implica em reconhecer que ela é histórica, ou seja, muda constantemente na linha histórica. O século XX foi marcado pelo uso do telefone, rádio, televisão, etc. como objetos do cotidiano. Hoje, século XXI, vê-se a intensificação dos meios virtuais e a ideia de um mundo conectado instantaneamente passa a se configurar.

Ainda, entender a mídia como processo é reconhecer que é um processo político e econômico, pois, as comunicações que permeiam a vida cotidiana são cada vez mais globais e direcionadas para uma comunicação de massa, sendo a flexibilidade uma forma dominante dessa comunicação. As instituições que dominam a mídia global têm o poder de controlar as dimensões de produção e distribuição da mídia contemporânea, sendo esse um traço que caracteriza a cultura na mídia atual.

Para Silverstone (2007), estudar a mídia requer muitos questionamentos que não permitem uma única resposta, pois a complexidade da mídia requer um olhar político, intelectual e moral. Lidar com a mídia é lidar com seres humanos e suas comunicações, com a linguagem e a fala, com o dizer e o dito, então é lidar com a experiência, sendo essa um ponto de partida.

As pesquisas realizadas no campo da mídia, geralmente, privilegiam a exceção como fundamento de sua investigação. A exploração das questões sociais perturbadoras chama a atenção para o excepcional, mas, muitas vezes, a continuidade desse controle da realidade provoca interpretações errôneas, pois, elas não são constantes na vida diária. O filtro oferecido pela mídia molda a realidade cotidiana e ajuda a promover a produção e a manutenção do senso comum. A mídia oferece aos expectadores, ouvintes e leitores palavras, não para reproduzi-las, mas como parte da realidade das interações diárias. O senso comum é, então, uma pré-condição da experiência, e a mídia vai depender desse senso comum, pois ela o reproduz o explora e o distorce. Ainda, é pelo senso comum que partilhamos a vida uns com os outros e conseguimos distingui-la.

Afim de entender o papel da mídia no mundo contemporâneo, Silverstone (2007) discute a questão do espaço em suas múltiplas dimensões. Ele enfatiza que o espaço é nada mais do que um tempo simultâneo e que a vida cotidiana atual permite estar em mais de um lugar ao mesmo tempo, acompanhados pela mídia, seja como objeto físico ou simbólico. Salienta ainda que compartilhar um espaço não é deter o poder sobre ele. O espaço

mediático fica instável, diferentemente dos espaços reais da vida cotidiana. Em resumo “estudar a mídia é estudar movimentos no espaço e no tempo e suas inter-relações” (SILVERSTONE, 2007, p.25).

É preciso, então, reconhecer a realidade da experiência, ou seja, as experiências são reais até mesmo as midiáticas. O autor salienta que todos sabem distinguir a fantasia da realidade e que nossas experiências variam no particular e no geral, de indivíduo a indivíduo, conforme os grupos sociais, o sexo, a classe, a etnia, a nacionalidade, assim como temporalmente. Essas noções são senso comum e permeiam a experiência da mídia, assim é possível admitir que a experiência é de fato formada por um conjunto de eventos, palavras, imagens, expressões e sentimentos que significam e constroem a cultura. Portanto, para o autor, a mídia é que promove o ato de fazer distinções e juízos, pois é ela que promove a inter-relação entre as experiências do dia-a-dia.

Orange Is The New Black: Cultura, Sociedade e Globalização

A fim de averiguar elementos socioculturais que compõe o *Orange is the New Black*, elencou-se cinco temáticas do primeiro episódio da primeira temporada e, a partir da observação do que nelas são elementos globais e individuais, realizou-se a análise. As cinco temáticas selecionados estão ilustradas por meio de *frames* intitulados como: Cultura da Estética, Imagem de uma Prisioneira, Regras de uma Sociedade Prisional, Códigos Comunicacionais, Cultura da Religiosidade.



1- Frame: cultura da estética.

A personagem Taystee, prisioneira do seriado, diz a Piper, também prisioneira, mas recém-chegada à carceragem, que os seios da novata parecem com os da TV, conforme ilustra o *frame* acima. Ao fazer tal comentário, refere ao fato de Piper ter seios perfeitos, portanto, a perfeição está no padrão cultural que a mídia propõe.

Piper, apesar de inicialmente ficar sem jeito, mostra felicidade com a ideia de seus seios parecerem com o padrão repercutido pela mídia. Desse fato, observa-se um padrão determinado pela mídia que é reproduzido em diversos grupos sociais e que, embora possa ser um padrão globalizado, cada sociedade marca individualmente qual é o seu padrão de beleza, a sua estética, mesmo sendo um conceito globalizado, manifesta-se em cada sociedade, com concepções locais.

Ainda, outro fato do primeiro episódio ilustra a cultura da estética. Quando a personagem Morello, também prisioneira, está dirigindo a van para levar Piper a um alojamento da prisão, dá uma revista de vestidos de noiva a Piper e pergunta qual ela acha mais bonito. O questionamento é justificado na aparência de Piper, já que Morello afirma que Piper tem “cara de quem sabe sobre moda”, por isso deveria dar opinião. Esse fato mostra que Morello pensa, somente pela aparência de Piper, que ela deveria saber sobre moda. Piper é uma mulher, jovem, magra, loira e com cabelos lisos. Isso construiu a imagem de que ela deve saber sobre elementos estéticos que compõe o belo, assim, a aparência de Piper revela a imagem globalizada de que o conceito de moda pertence à determinados grupos sociais.



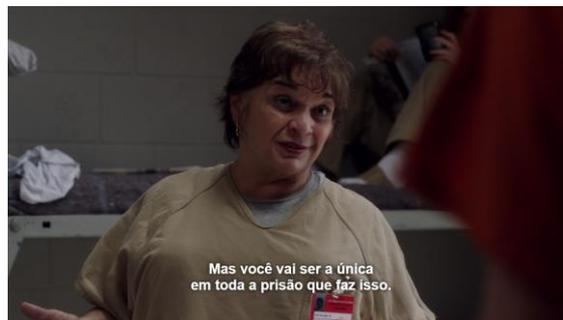
2- *Frame*: imagem de uma prisioneira.

Logo na chegada de Piper à prisão, quando ela vai se entregar, a fim de cumprir a pena determinada, o guarda, conforme exposto no *frame* acima, informa que não é dia de visitas, mas, ela diz que veio se entregar e ele se manifesta como surpreso. Ela nota essa surpresa e comenta com Larry, que a acompanha e é seu noivo. Piper se pergunta: será que o guarda pensou como alguém como eu está aqui?

Outro fato que revela a imagem de uma prisioneira ocorre quando Piper, na sala de espera para ingressar na prisão, comenta com Larry que sua mãe explicou a ausência de Piper às amigas, como uma viagem à África para realização de trabalho voluntário. Os dois acham graça e ainda caçoam do fato das amigas de mãe de Piper pensarem como ela foi

para um lugar tão “perigoso e sujo”. Ainda, Healy, guarda responsável por Piper, avisa-a de que as detentas, provavelmente, irão considerá-la uma “riquinha” e, por isso, irão tentar extorqui-la. Também avisa que ela não é obrigada a fazer nada que não queira dentro da prisão.

Todos esses fatos, indicam que há uma imagem negativa e globalizante sobre os encarcerados. Até a própria Piper se questiona sobre o fato de estar indo para a prisão, ou seja, o cárcere é lugar para determinados grupos sociais, nos quais ela pensa não se enquadrar, assim como pensam os guardas da prisão e inclusive sua própria mãe.



3- *Frame*: regras de uma sociedade prisional.

As colegas de cela de Piper explicam que elas é que vão fazer sua cama. Piper diz que sabe como fazer a cama, mas uma colega de cela retruca, dizendo que elas é que sabem como passar pela inspeção e Piper pode ajudar a limpar a cela. Uma colega de cela informa Piper que ela tem que dormir em cima do cobertor, Piper pergunta: *e seu eu quiser dormir me tapando com lençol?* Ela afirma que Piper será a única na prisão a fazer isso, conforme o *frame* acima ilustra, mas que o problema é dela e que ela não deve fazê-lo. Esses fatos são regras locais de uma sociedade que se formou e se vale dos conhecimentos individuais para que funcione. É uma cultura que se estabelece e que, certamente, tem por base fatores usuais que integram os indivíduos e os inserem em determinados grupos sociais.

Logo após, é hora de jantar e Piper fica apavorada no primeiro jantar na prisão, pois não sabe onde sentar. Ela é indicada para sentar com uma mulher branca, *porque ela é bem legal*, conforme justifica a personagem que o indicou o lugar. Já sentada, surge, então, a personagem de Red, a cozinheira da prisão, todos a respeitam e a temem. Nicky diz a Red quem é Piper, explicando que ela é “chique”, Red, então, dá um iogurte a ela. Piper pergunta o que tem que fazer em troca, ela diz que nada é para considerar um presente.

Piper fica feliz, ao abrir o iogurte comenta que a comida da prisão é nojenta; ela não sabia ainda que Red é a cozinheira. Red, em primeira mão, afirma que se ela não gosta da

comida não tem problema, mas, na verdade, irrita-se. No café da manhã, manda como comida à Piper um sanduiche recheado por um absorvente feminino usado, deixando Piper sem comida. A ação de Red evidencia o quanto a convivência pode ser difícil, caso não haja a adaptação dos membros da sociedade a determinado grupo ou cultura. Red mostra uma hierarquia velada, que o comportamento de Piper (nojo da comida prisional) é tão danoso e não aceito quanto o que Red lhe enviou no café da manhã. Percebe-se então que numa sociedade confinada seus membros também devem acatar regras de convivência, a fim de evitar conflitos, uma vez que elas são obrigadas a conviver até o final da pena.



4- Frame: língua e comunicação.

Conforme o *frame* acima, uma personagem latina pergunta a Piper se ela fala espanhol. Piper responde, em espanhol, que sim e entende mais do que pode falar. Nesse momento, a personagem latina dirige-se a Diáz, outra personagem de origem latina que acaba de chegar a prisão e não fala espanhol, questionando o fato de até a “branquela” falar espanhol e ela não. É um absurdo, na concepção de um latino, ter um outro latino que não sabe espanhol. Segundo a personagem, não pode ser uma latina quem não fala espanhol.

Observa-se que a língua insere os indivíduos em grupos que os caracterizam. O grupo dos latinos, na prisão, é composto por quem é latino, portanto, deve falar espanhol. Essa questão é quebrada pelo fato de ter uma latina que fala somente inglês. A vida cotidiana apresenta transformações que passam pela família, trabalho etc e essas mudanças locais fizeram com que o espanhol não fosse a língua da latina Diáz. Fato que a exclui do grupo que deveria acolhê-la, ou seja, é cultural o fato de latinos falarem espanhol como um elemento que os insere na sociedade e os identifica.

Outro fato que identifica a linguagem carcerária como um fator de inserção em grupo social é a denominação das detentas por seus sobrenomes. Piper é denominada Chapman e chamada por todos dessa forma. Essa é uma marca da comunicação prisional que se define diferente em relação à sociedade globalizada. É a cultura do cárcere relativa a identificação dos membros que a compõe.

Ainda, quando Nicky pergunta a Piper porque ela está na prisão e ela responde: Li num livro que não deveria falar sobre isso, ocorre um deboche por parte das detentas sobre o fato dela ter estudado antes desse entregar e ser presa. Vê-se que o grupo prisional confere à leitura um fato para quem não pertence ao grupo. Assim, a leitura é uma ação elitizada culturalmente, não pertencente a classes ou grupos que cometem delitos.



5 - *Frame*: cultura da religiosidade.

Uma personagem começa a falar sobre mandalas e cultura, arte budista, com Piper. Ela conta a Piper sobre os monges tibetanos budistas que levam mais de um ano para construir uma mandala, juntando pedacinho por pedacinho e, quando terminam, a destroem. Logo após, essa personagem faz uma analogia com esta história. Afirma que Piper não precisa ficar triste por estar na prisão, e como os budistas, deve entender seu tempo na cadeia como um momento de passagem, que logo boas coisas estarão por vir. O conforto espiritual é de fato formado por experiências que significam e são transformadoras das lentes de cultura. Assim, o tempo de reflexão budista e o tempo de reflexão na prisão são culturas que tendem a ser transformadoras, pois promovem o desenvolvimento das pessoas enquanto seres humanos construindo e desconstruindo valores e juízos sociais.

Considerações Finais

Para a análise do primeiro capítulo da primeira temporada de *Orange is the New Black*, teve-se em vista a perspectiva de Cabello (2011), para quem a cultura não é homogênea e se constrói nas inter-relações sociais, e as ideias, os valores, as crenças são determinadas pela sociedade que os promove e, ao mesmo tempo, os modifica; as noções de cultura e sociedade de Hall (1997) que entende as sociedades como multiculturais e que a cultura global necessita das distinções para se constituir; e as contribuições de Silverstone (2007) sobre o papel da mídia na exploração das questões sociais e formadoras de culturas.

A partir dessas concepções, pode-se entender que qualquer mudança de comportamento, que fuja dos padrões da sociedade a que se pertence, mesmo que

momentaneamente, como a sociedade prisional, reflete no sistema cultural e pode promover mudanças nesse sistema. Com a análise do primeiro episódio de *Orange is the New Black*, confirma-se que a cultura permite que os indivíduos se adaptem ao meio, mas também permite adaptar esse ambiente ao homem, pois é pela cultura que ocorre a integração social dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, Lisboa. 1979.

CABELLO, Antonio Martin. **Sociologia de la cultura**: una breve introduccion. Universitas, Madrid. 2011.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. EDUSC, Bauru, SP. 1999.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2007.